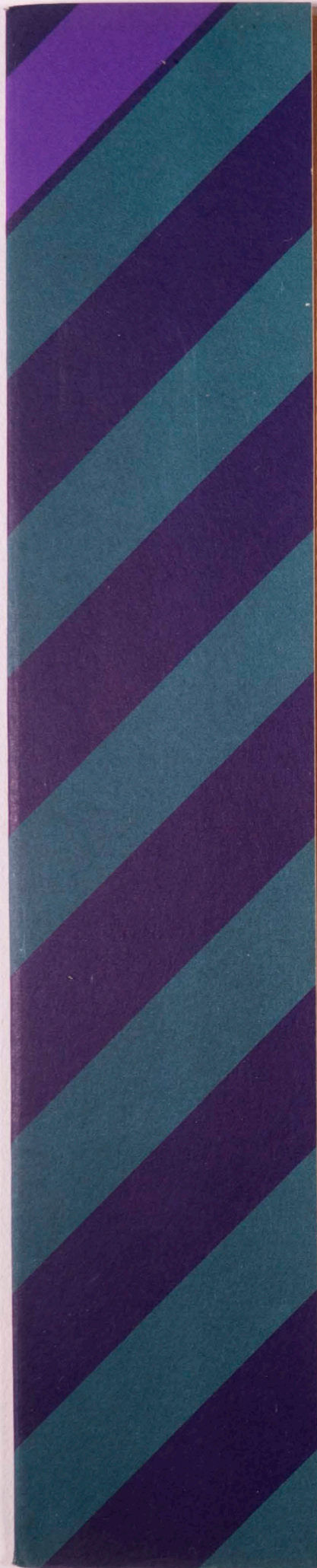


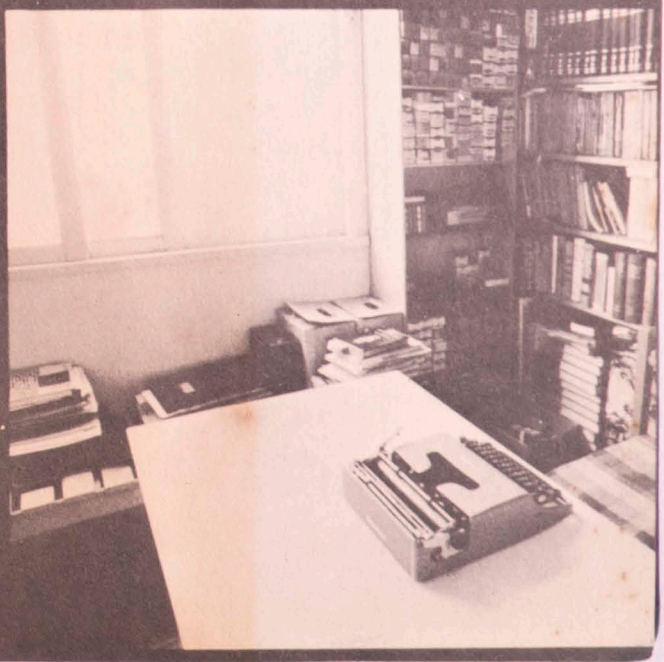
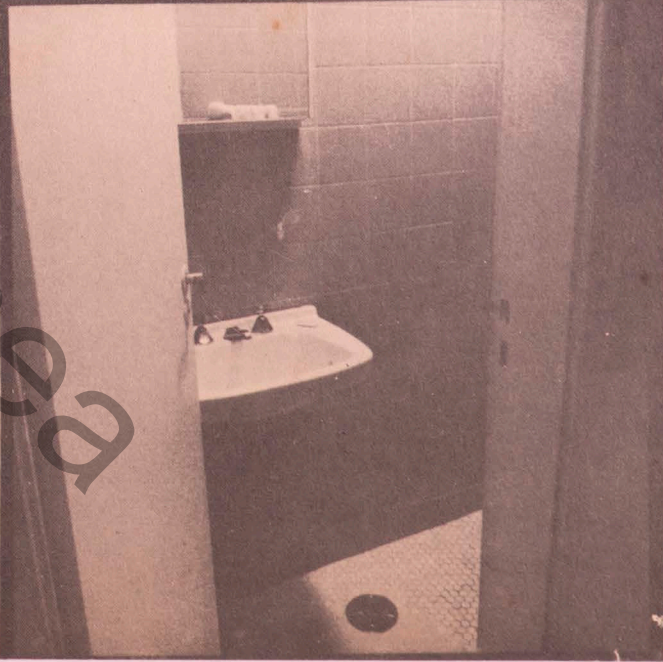
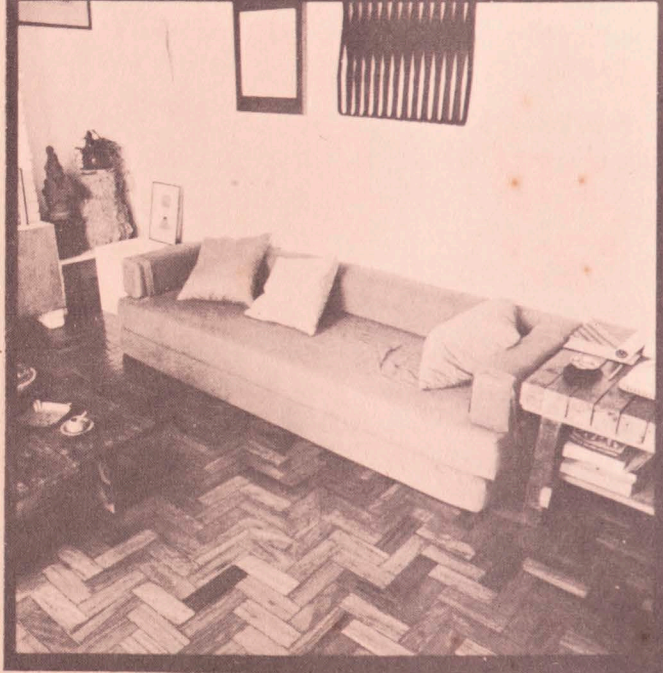
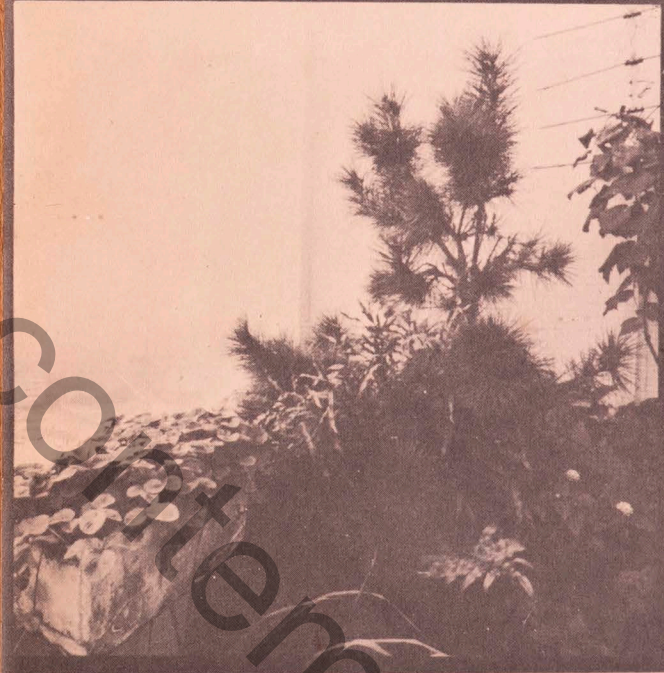
GALERIA  
ETNA  
GLOBAL

1976 • 10

Instituto de arte contemporânea



instituto de arte  
contemporânea



# WILMA MARTINS

## OBRAS

13 A 30 DE JULHO  
1976

GALERIA ARTE GLOBAL  
AL SANTOS 1893 / SP

## BIOGRAFIA

**WILMA MARTINS**  
(Belo Horizonte, Minas Gerais, 1934).

Reside no Rio de Janeiro)

Estudou pintura e desenho com Guignard e gravura com Misabel Pedrosa.

Realizou, entre 1960 e 1974, sete exposições individuais: em Salvador (Biblioteca Pública), Juiz de Fora (Galeria Celina), Belo Horizonte (Galeria IBEU, Galeria Guignard), Brasília (Fundação Cultural do Distrito Federal) e Rio de Janeiro (Galeria Goeldi, 1967, e Galeria Graffiti, 1974).

De 1955 a 1974 participou de cerca de 40 exposições coletivas no Brasil e no exterior: salões de arte em Belo Horizonte, Campinas, Porto Alegre, Curitiba, Niterói, Rio de Janeiro, Vitória, Ouro Preto, Goiânia, Salão Nacional de Arte Moderna, bienais da Bahia e São Paulo, Panorama da Arte Atual Brasileira (desenho e gravura), em São Paulo, Resumo/JB, Rio de Janeiro, representação brasileira à Bienal de Paris (1969) e bienais internacionais de gravura de Ljubljana, Iugoslávia; Carpi e Biela, na Itália; Santiago, no Chile; Porto Rico e Xylon, na Suíça. Participou de mostras circulantes de arte brasileira (gravura e desenho) na América Latina (1972) e Europa (1974). Participou de "Arte Fiera 76", em Bolonha.

Recebeu prêmios (pintura, desenho e gravura), cerca de 20, nos salões de Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, Paraná, Ouro Preto, Espírito Santo, Campinas, Goiânia, no Salão Fluminense, no Salão de Verão, nas bienais da Bahia e de São Paulo. Em 1967 recebeu o certificado de Isenção de Júri no Salão Nacional de Arte Moderna e, em 1975, o prêmio de Viagem ao Exterior (desenho).

Fez figurinos e cenários para teatro e dança, ilustrações para jornais, revistas e livros e diagramação de jornais e revistas.

## APRESENTAÇÃO

Muitos nem se lembram de seu nome. É que, tímida e recolhida, quase nunca saindo de casa, fugindo de entrevistas e vernissages como o diabo de Deus, a artista não ajuda a divulgar seu nome. Isto apesar dos seus 20 anos de atividade como artista plástica. Porém, ao relacionarem o seu nome às obras aqui expostas, muitos se lembrarão de imagens que ficaram fortemente gravadas na sua memória — um leão que nos contempla, como uma esfinge, do quarto da empregada; as hienas que devoram na mesa bem posta de uma casa pequeno-burguesa os restos de um antílope; da manada de búfalos que pasta nos espaços intermináveis da casa, subitamente transformada em pradaria; ou paisagens que se escondem, poeticamente, em armários, gavetas, sacolas, etc. Imagens vistas, antes, em algum jornal, revista ou mostra coletiva.

É que as imagens criadas por Wilma Martins têm um grande poder de convencimento. E convencem porque são verdadeiras, porque são imagens de uma "paisagem interior", sofridas e vividas, na alegria ou na dor, e que chegam à superfície da madeira, do papel ou da tela como se fossem primeiras e únicas, como extensões do seu viver e do seu sentir. Porém, mesmo recolhidas em seu mundo doméstico, em seu imaginário,

ela vive "os outros" — coisas, seres, objetos, idéias. Em seus tempos de gravadora costumava dizer: "sinto o caos em mim, mas este, quando revelado, é o caos do mundo e de nossa época". Esta aparente contradição — as pessoas que ao mesmo tempo se esquecem de seu nome e se lembram fortemente das imagens que ela cria — tem provavelmente razões mais profundas. As pessoas são "tomadas" por essas imagens porque desejam-nas, ou mais do que isso, porque necessitam delas. Como de resto, a artista, que em 1967, numa de suas raras entrevistas dizia: "Você me pergunta sobre o significado de minha gravura e eu não posso dizer muita coisa mais do que está gravado na madeira. Estou fazendo gravura justamente para isso. Certas coisas que sinto, pressinto, não entendo com clareza. Só fazendo, isto é, só dando a estes sentimentos ou pensamentos uma forma concreta, é que começo a conhecer." Para Wilma, portanto, a arte é uma necessidade vital, é a forma de manter-se viva. Por isso, cada obra sua é dolorida, como o parto.

(Aliás, a gênese ou a vida intrauterina, tem sido um dos temas constantes da obra de Wilma, especialmente de sua obra gravada. Com sua visão trágica, Wilma acha que o homem sofre a partir do momento em que nasceu, do momento que respirou a primeira porção de ar. O medo, a fuga, a luta, a queda (títulos de gravuras suas) o acompanham

sempre, por isso, na iminência antecipada do Juízo Final, deseja o retorno, o líquido amniótico, a árvore do saber. Hoje, vencida esta "Estação no Inferno", surgem imagens, em seus desenhos e pinturas, que Gaston Bachelard denominaria de "espaços felizes", e que são, mais uma vez, imagens-útero: abrigadas em gavetas, caixas, sacolas, pias, copos, são, portanto, imagens protegidas, cheias de calor e de afeto, de memória e aconchego, ao mesmo tempo, porém, nostálgicas e solitárias.)

Muitos surpreenderam-se com Wilma pintora, como antes, surpreenderam-se com a Wilma desenhista. Queriam-na sempre gravadora, com suas imagens doloridas na medieval madeira, porque conheciam-na como gravadora. E quando viram seu desenho meticuloso e minucioso, pensaram, aí está mais uma artista a engrossar a lista brasileira de hiperrealistas de última hora. (Ela que sempre andou tão desligada de tudo, de modismos, de escolas, do lufa-lufa medíocre da vida artística. Na divisão de Cortazar, ela pertenceria à espécie dos "esperanças", ou seja, não é ela que se desloca atrás das coisas, países ou seres, enfim, das novidades, são as

coisas, países ou seres que viajam por ela.) É que não sabiam, ou se esqueceram, que Wilma, aluna de Guignard, com ele aprendeu a desenhar e a pintar. Seus primeiros prêmios em salões de arte — e isto já faz tanto tempo, a partir de 1955 — foram ganhos com pintura. E se o clima de sua produção anterior é perfeitamente adequado ao suporte empregado, a madeira, sua gravura sempre foi muito desenhada. Os primeiros desenhos da fase atual, que começaram a ser feitos por volta de 1969, após um período de retraimento, interrompido novamente durante uns dois anos, até que a produção se fez regular e constante, ainda que pouca, devido à demorada realização, se caracterizam pela presença brusca de animais nos espaços domésticos. Eles se instalam na sala de estar, no quarto, no banheiro, na cozinha, no escritório, dentro dos móveis e, naturalmente, trazem consigo a aura de natureza que os envolve. A situação criada, de início insólita e intrigante, às vezes liricamente violenta, provocando emoção ou mesmo riso, vai aos poucos adquirindo plausibilidade, tornando-se "natural" (está claro que a lógica da arte é uma, a da realidade outra, porém, como não considerar a arte como extensão do nosso cotidiano?) E assim, uma lógica se estabelece, em seguida, entre o animal e o espaço por ele ocupado.

Ele não é apenas um visitante aguardado, mas se coloca no espaço preciso, completando-o. Afinal, espaços nunca são neutros, estão carregados de subjetividade. E estes animais são portadores de mensagens, de recados. A presença dos animais acaba por transformar os objetos em torno: a cama em pradaria, cadernos em montanhas, painéis em cachoeiras, vasos em florestas, etc. Como se os animais trouxessem para o novo "habitat" seus próprios ambientes, a natureza se fazendo agora mais visível e extensa. Ou, noutro sentido, é como se a imaginação se transferisse do sujeito para o objeto. Não é a artista que sonha, mas o próprio objeto, ou ainda, a artista é a portadora dos desejos do objeto, que, afinal, são os seus. A pia que se deseja mar, com focas e recifes, gavetas que escondem tranqüilas e bucólicas paisagens, etc. Bachelard, filósofo da imaginação, compreenderia esta nova categoria de objetos-sujeitos, que sofrem, pensam, desejam ou amam, como também o cineasta Buñuel ou escritores como Cortazar ou Murilo Rubião. Aqui emerge um dado sobre a obra de Wilma Martins — suas influências são provavelmente muito mais literárias do que plásticas: ela prefere ler a visitar exposições. (Neste momento, que é também, o que a artista retoma a pintura, a paisagem é projetada na casa através o artifício do espelho. E assim, a artista se coloca, repentinamente, dentro de uma velha discussão, que

aproxima, em tempos diferentes, van Eyck e Metsys de Magritte; uma concepção ilusionista de pintura, que faz projetar o quadro dentro do quadro. Num jogo ilusório, a artista remete o espectador, ao mesmo tempo, para fora e para dentro do quadro. Este, que é janela ("veduta"), contém a janela, que, entretanto, é apenas sugerida no espelho do quadro (também ele um espelho). O quadro-no-quadro é também o espaço-no-espaço. O que a artista faz é jogar simultaneamente com dois espaços (e dois tempos). Num espaço previamente definido, e tradicional, incrusta outro espaço, este questionando a existência do outro. Qual o espaço verdadeiro, aquele primeiro, maior, ou este outro, menor? Ou, na distinção proposta inicialmente por Silviano Santiago, o cinza ou a cor? Qual o espaço: o do quadro ou o da artista? Eis aí uma pergunta que é um abismo sem fim: porque aquele espaço maior pode ser visto, também, como a redução inteligível de um espaço maior, e sensível, o espaço do mundo. Mas este espaço menor, que se incrusta, em cores, no espaço maior, pode vir de regiões profundas, e, portanto, de espaços maiores, que se perdem na memória do tempo e do ser. Assim como, no mais profundo do ser, encontra-se um espaço comum, que é de todos.)

Mas, voltando à casa: o espaço doméstico, antes muito nítido, começa perder sua nitidez. As paredes são derrubadas (ou nem foram ainda erguidas) para dar passagem a uma caravana de camelos, ou a máquina costura a paisagem que se perde no longe. A partir daí Wilma Martins trabalha simultaneamente nos dois suportes: sobre o papel, com nanquim e ecoline; sobre a tela, com vinil e acrílico. Os últimos trabalhos da artista — pintura — indicam um terceiro momento: um aprofundamento da problemática do espaço e da cor. O público, atraído pela paisagem ou pelos animais, que hoje não irrompem mais tão bruscamente, como antes, no ambiente doméstico, nem sempre se dá conta da grande riqueza espacial de suas telas mais recentes. O que antes era fundo vem a primeiro plano e se torna mais e mais nuançado, como se o cinza contivesse também a cor. Me explico: no desenho, a oposição entre o fundo (ambiente doméstico traçado com linhas negras) e o primeiro plano colorido (paisagem ou animais) era mais nítida. A pintora tornou menos rígida esta distinção em seus

trabalhos recentes. Hoje, há tal variedade de tons dentro do cinza, que não se pode mais falar de um fundo uniforme. A artista resolve com cinzas, o que antes resolvia apenas com a cor. Os cinzas constituem hoje fundo e superfície — isto pode ser sentido na tela em que elefantes caminham na floresta de um jarro de flores. Aliás, desde algum tempo que os objetos crescem, vêm a primeiro plano, e as paisagens coloridas diminuem. Como se a artista, após ter desrecalcado no desenho a parte recalcada de sua vida, quisesse transmitir, agora, na pintura, esta sua nova conquista de vida. Se isto é verdadeiro, Wilma Martins está mostrando, de forma convincente, que a arte pode ser um poderoso instrumento de penetração e de aprofundamento no ser humano, de sua adequada colocação no mundo. Frederico Moraes  
Rio, junho, 1976.

## CRITICA

1 — Sua arte, suas intenções, são firmes e nascem de impulsos próprios que nada têm a ver com os modismos. É artista que grava por necessidade de gravar, não por necessidade de ver contempladas suas gravuras. Sua comunicabilidade é, assim, sutil, e dirigida apenas a sensibilidades escolhidas, que não se confundem com o aplauso público genérico. Talvez algumas composições suas choquem: sua intenção jamais é, contudo, chocar. Quase não há intenções comunicáveis em suas gravuras. Elas existem simplesmente, nascidas de uma necessidade interior de as fazer existir. (1967)  
Wilma fez-se íntima, recolhida, modesta e quase humilde, em sua arte que flui da meditação do cotidiano, das sugestões sutis que emanam da natureza simples e das emoções singelas que sua fantasia vai colhendo aqui e ali para recriá-las a seguir. Seus desenhos e gravuras são antes de tudo estados de espírito, confissões, sonhos que se tornam realidade permanecendo sonhos. (1960)

### Sylvio de Vasconcellos

2 — Se fosse o caso de enaltecer a obra da artista em nome de um sentimento comum, nosso aplauso seria caracterizar a artista como uma paisagista do mundo interior, do infinito cosmo da alma, das origens ao incógnito, em termos de uma linguagem remota, e ao mesmo tempo atualíssima. (1967)

### Clarival do Prado Valladares

3 — "...Wilma explode neste "Panorama" (e no Salão de Campinas) como a maior e mais emocionante revelação do desenho brasileiro nesta década". (1974)  
(...)

### Olívio Tavares de Araujo

4 — Em Wilma Martins a ilusão é ao mesmo tempo dada e retirada pela cor. Dupla linguagem que se articula pela intromissão gradativa da cor no espaço basicamente reservado ao traço: coexistem no final a linguagem da cor-sem-traço e a do traço-sem-cor. Só a cor pode exprimir, no (sobre o) contraste branco/negro em que se organizam primariamente os desenhos de Wilma, a euforia da mão que capricha em iludir.

Em iludir, primeiro, a própria cena representada no quadro, significando um esforço por torná-la estranha, estrangeira, misteriosa, num desejo único de "dépagement" no interior pequeno-burguês. Abra uma gaveta do armário bem-bolado, e se descortina uma pradaria de búfalos. Olhe bem a areia para o preparo do reboco, e ali pinta uma caravana saindo de perdido oásis, caravana liliputiana e imponente diante das prosaicas pá e escada. A paisagem está no espelho que é a janela do quadro. A água represada na pia da cozinha, ou na banheira, é marítima e povoada de seres marinhos. A cama é pasto para animais. A estante é também ninho. A mão capricha em iludir, depois e ainda, o espectador a fim de que este procure no espaço e no instante da ilusão o "verdadeiro" **real** do quadro.

O **real** do quadro não está na re-presentação branco/negra dos desenhos, ou no "ton sur ton" cinza das pinturas, mas no esplendor das cores brilhantes que, iluminando o espaço global, aclaram também seu significado latente. O "verdadeiro" se encontra naquela **outra** cena que suplementa em cores a cena re-presentada em negro ou cinza. (...)

"A ilusão penetra, pois, no quadro pela cor e causa todo um estranhamento no seu **real**, semelhante à ilusão da arte que penetra em linguagem no nosso cotidiano, desarticulando-o, causando todo um mal-estar no nosso Real. A ilusão, como que grafada com estilete, é penetrante e pérfida, desmistificadora do **real** re-presentado, levando o espectador ainda a repensar seu Real empírico. Nesta galeria de arte, conversando uns com os outros, não percebemos que desenhos e pinturas nos olham, onde o **real** se encontra des-recalcado pela cor e pela ilusão, e, quando voltamos nosso interesse e olhar para estes desenhos e estas pinturas de Wilma, se des-recalca nosso Real. O peixe está nadando no copo de uísque — e nós não tínhamos visto. (out./1974)

### Silviano Santiago

5 — O traço apenas sugere, em sucintas indicações, o que ali é ou faz as vezes da realidade; a cor, a precisão quase fotográfica dos detalhes e o peso de uma presença contundente servem para acentuar polo contrário, o que de outro modo se tornaria como intervenção pura e simples do inusitado, do sonho, do irreal ou do imaginário. Há igualmente nesse âmbito conotativo a maneira tática de Wilma Martins assinar cada trabalho (na lombada de um livro na estante, na porta da geladeira, como sua marca, etc.) procurando dar à assinatura um status de linguagem. Vinda de uma prática anterior mais constante na gravura em madeira, é curioso verificar como nela se intensificaram agora os elementos tipificadores da mineiridade, atenuando a margem erótico-fantástica que sublinhava a sua xilogravura. Ao dizer isto, não pretendo conferir importância apenas a nova presença do traço guignardiano no desenho, e também na pintura, dessa artista mineira, aliás sua aluna. O que ressalta é um regresso à introspecção, que se povoa tranqüilamente do absurdo possível, como uma queda ao mesmo tempo inóspita e aveludada nas armadilhas do ilusório. A súbita aparição exatíssima de paisagens, cenas e animais na sala, nos quartos, no banheiro ou na cozinha desses apaziguados ambientes caseiros é fruto de um ato de contemplar, de ensimesmar-se em seguida e de repentinamente se ver invertendo as prisões do olhar. Um ato muito mineiro: mineirar e descobrir, com espanto contido. (nov./1974)

### Roberto Pontual

6 — "Os "duplos" de Wilma Martins são "duplos" autênticos no sentido mais carregadamente psicológico; "duplos" autênticos também devido ao agudo sentimento crítico que encerram: finalmente "duplos" cuja perfeita autenticidade é garantida por um grande senso poético. A cena doméstica e a cena naturalista constituem os polos das composições atuais — no desenho no óleo — de Wilma Martins. Cor e não-cor constituem igualmente polos associados aos anteriores. A domesticidade, identificada ao reino do consumo tecnológico, pelo menos ao reino da produção em massa e da publicidade que gira em torno dos pequenos paraísos domiciliares, é a não-cor; a cena naturalista, seja ela lírica, bucólica, às vezes quase onírica, ou, com freqüência, crua e selvagem, é a cor. Esta qualidade representa uma opção clara por parte da artista; ou melhor, um julgamento dos polos em confronto, no qual a vitória de um não representa a derrota do outro. Se assim não fosse, não haveria "duplos", não haveria "outros". (dez./1974)

### Jayme Maurício



instituto de arte contemporânea



## CATÁLOGO

### Pinturas

**Cotidiano** — 1974/76

Vinil e acrílico s/ tela

1 a 14

### Desenhos

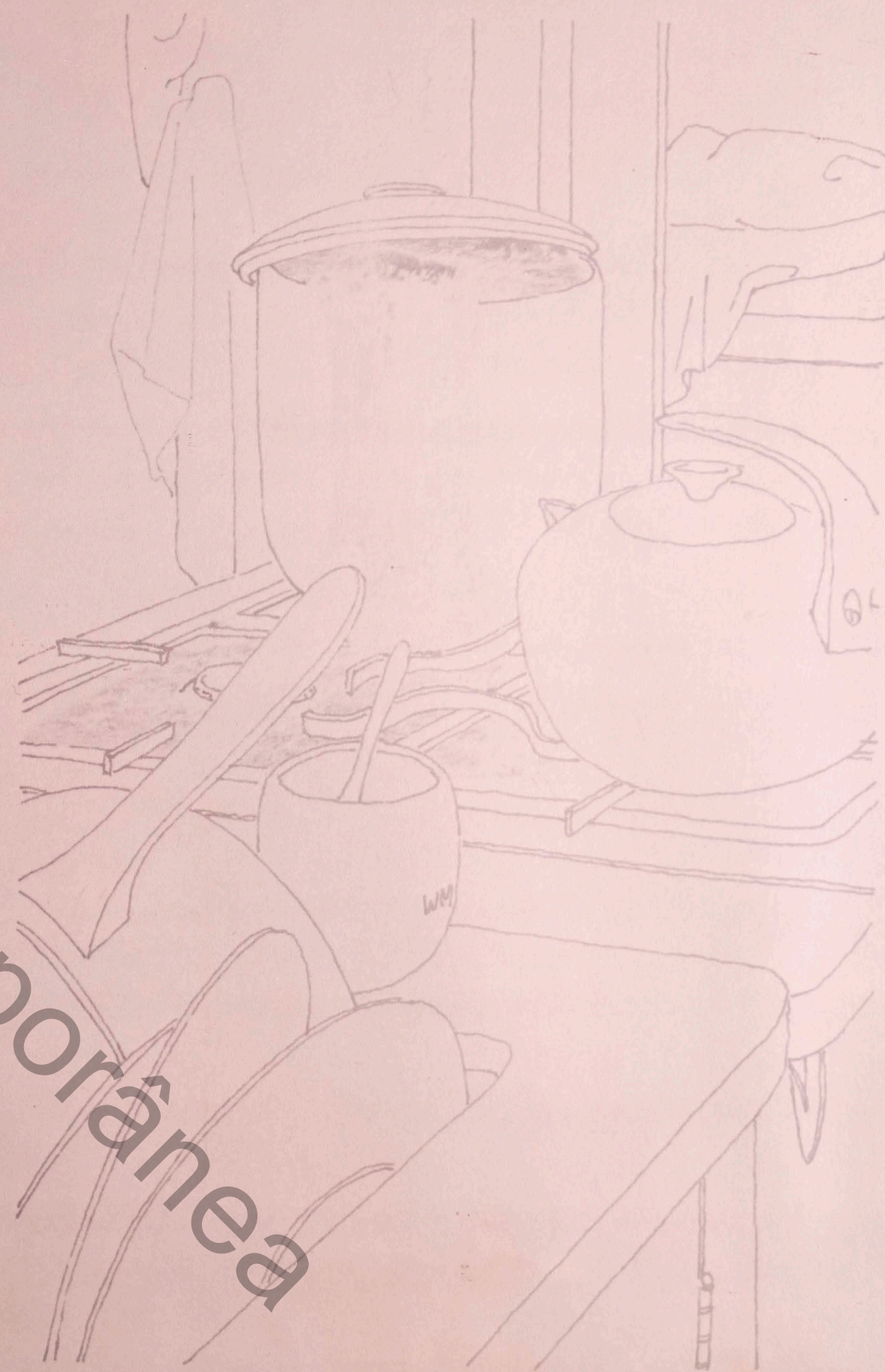
**Cotidiano** — 1976

Nanquim e ecoline s/ tela

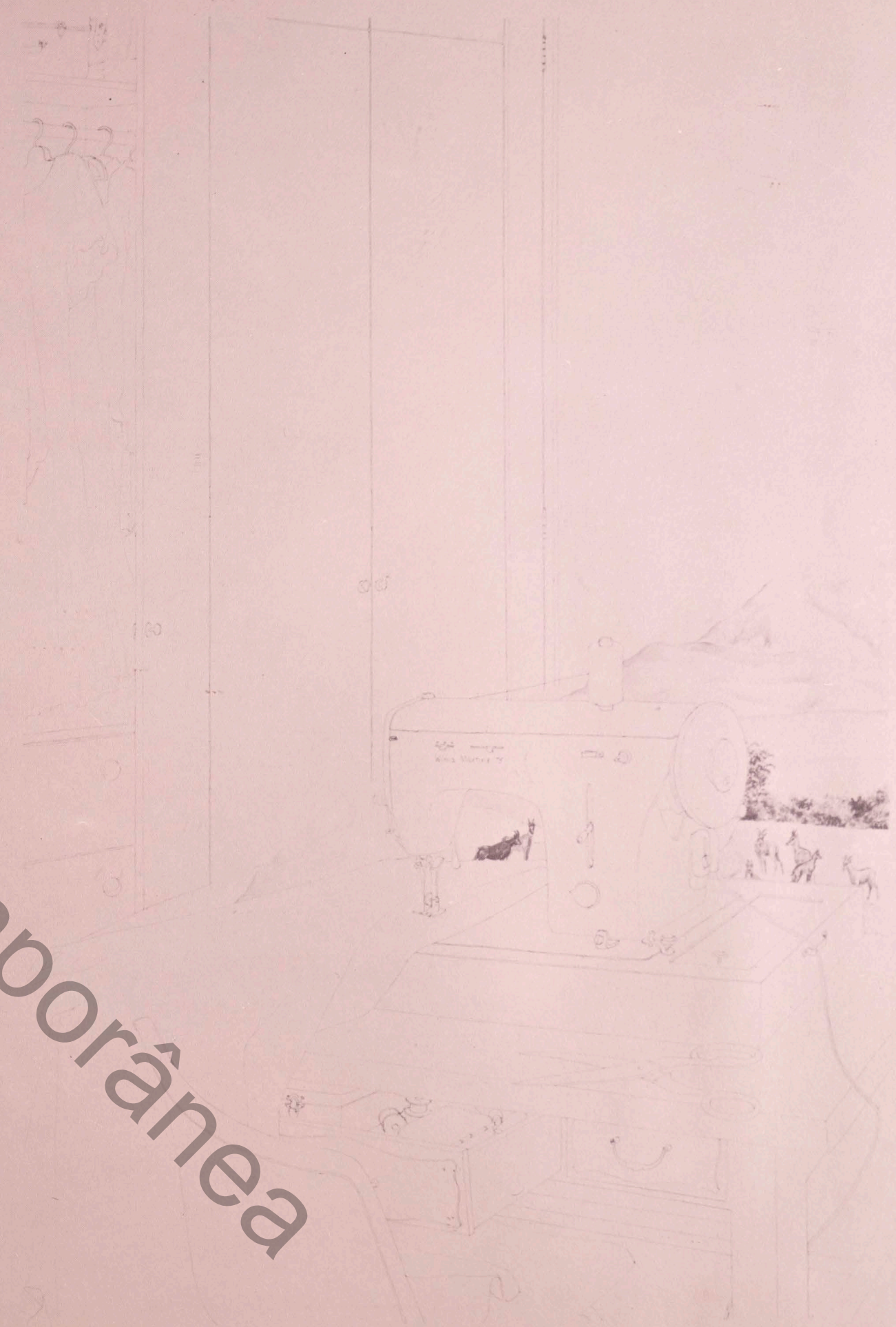
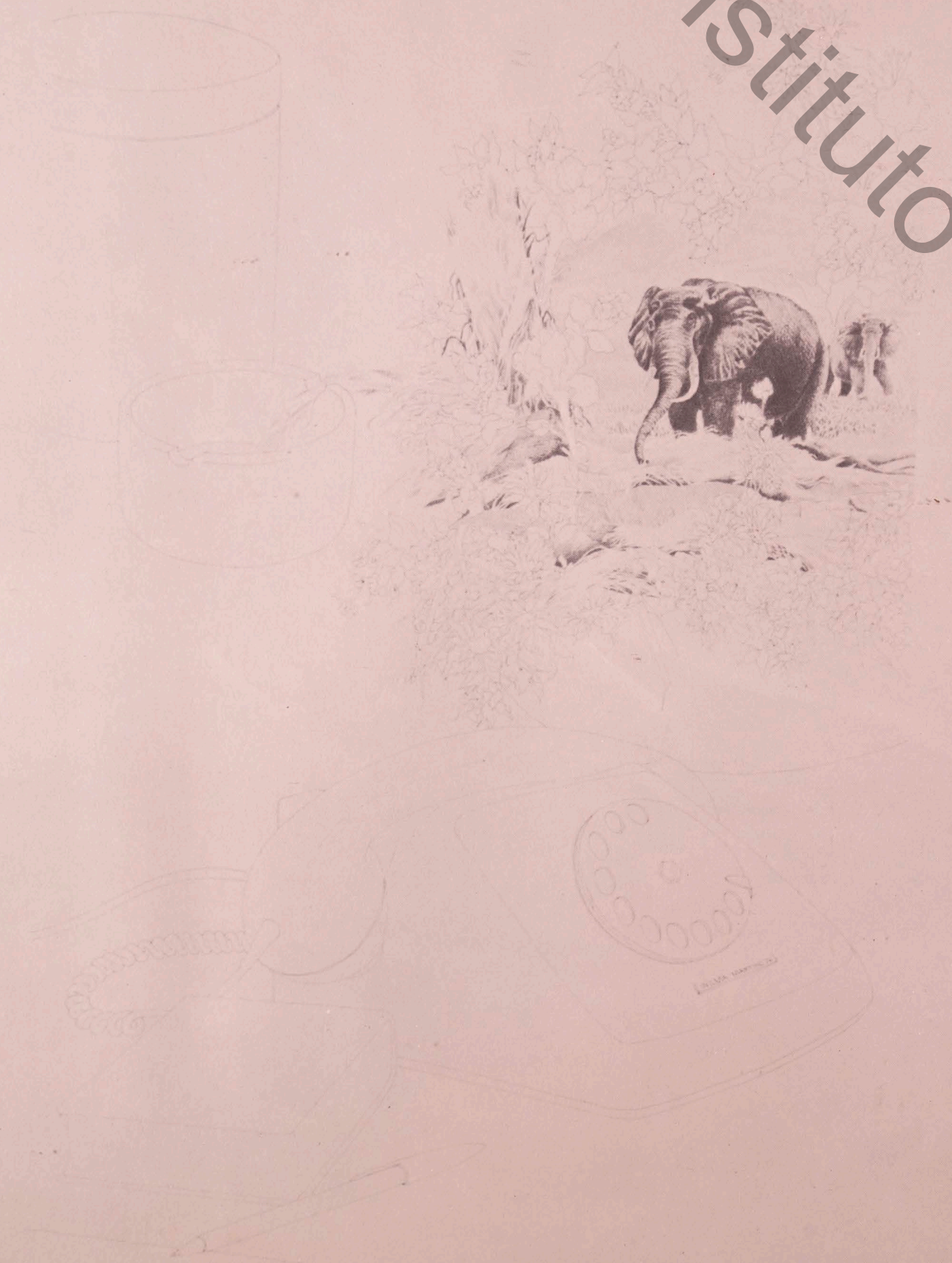
1 a 10

**Áudio-visual:** Frederico Moraes

**Super-8:** Alexandre Martins Moraes

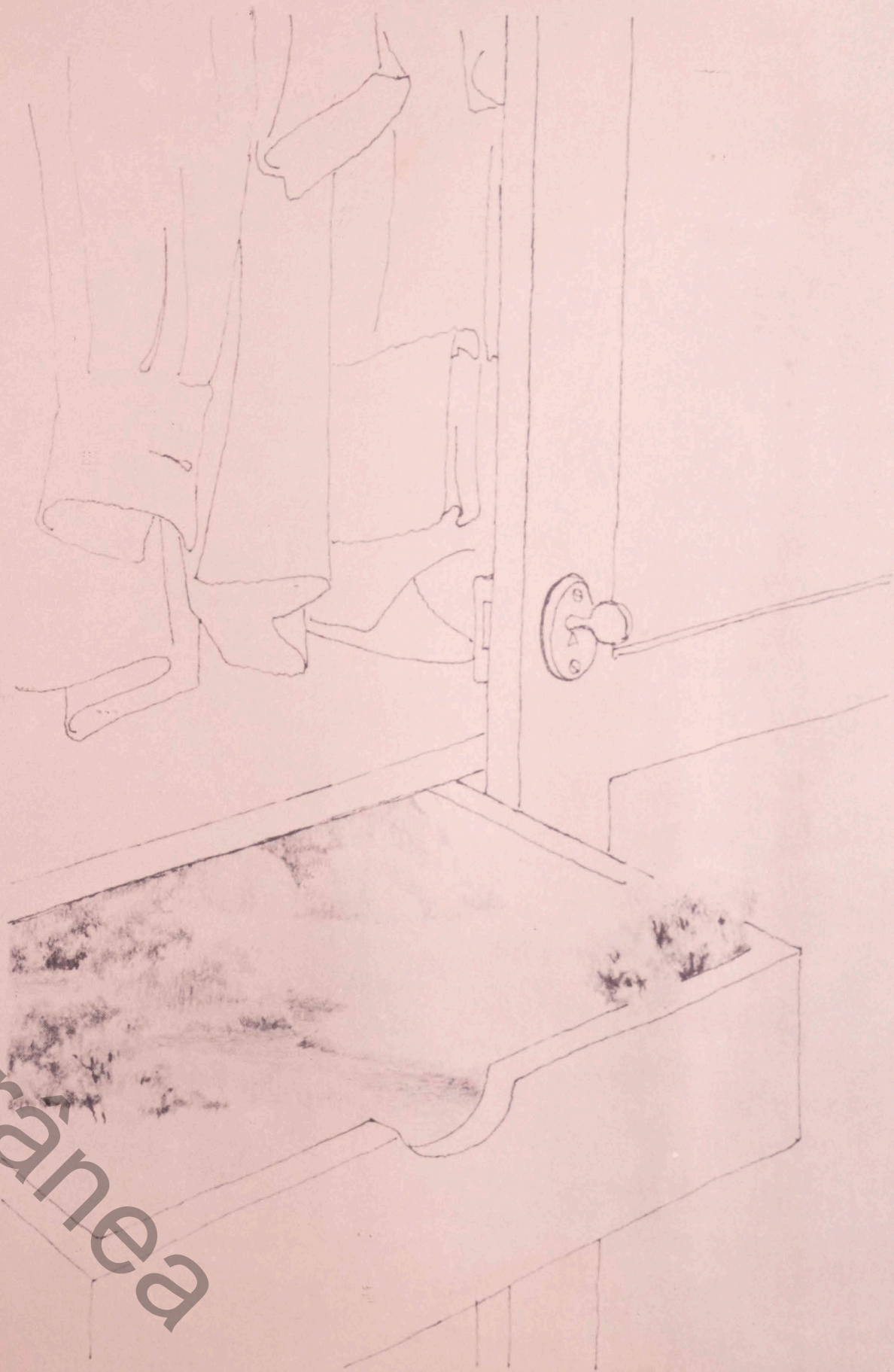


instituto de arte contemporânea





instituto de arte contemporânea



Edição  
Galeria Arte Global  
Alameda Santos 1893/SP

Direção  
Franco Terranova

Direção Executiva  
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual  
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia  
Romulo Fialdini

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea